

**"SERÁ QUE É POR EU
SER NEGRA?": A
CARÊNCIA DE UMA
TEOLOGIA NEGRA
FEMINISTA NA
VIVÊNCIA RELIGIOSA
DE MULHERES
EVANGÉLICAS**

**"IS IT WHY I AM
BLACK?": THE LACK OF A
BLACK FEMINIST
THEOLOGY IN THE
RELIGIOUS
EXPERIENCE OF
EVANGELICAL WOMEN**

Hamilton Matheus Moreira Ribeiro

Bacharel em Teologia (FTBB/DF); Bacharel em Ciências Sociais, habilitação em Antropologia (UnB); Especialista em Hermenêutica Bíblica (FE/DF); Mestre em Ciências da Religião (PUC/Goiás); Doutorando em Ciências da Religião (PUC/Goiás); e-mail: ha.ribeiro@outlook.com

Valéria Freitas da Silva e Silva

Professora de Educação Infantil; Bacharela em Teologia (FTBB/DF); Bacharelada em Sociologia (UNINTER/DF); e-mail: valeria.vidigal@uol.com.br

Resumo:

Este texto pretende visibilizar a representatividade da mulher negra nos espaços religiosos, em particular na igreja evangélica, abordando as categorias de gênero e etnia ao observar quais são as maiores dificuldades que a mulher negra encontra durante todo o processo de construção de sua própria identidade religiosa. Uma análise de como, grande parte das igrejas evangélicas, incansavelmente, reproduz o racismo na atualidade e naturaliza o tratamento que é dispensado à mulher negra ao perpetuar as dinâmicas discriminatórias em suas relações hierárquicas. Evidenciando que a mulher negra permanece estagnada na base desta pirâmide, e de tantas outras pirâmides sociais. Através de pesquisa bibliográfica, por meio do método histórico-dialético, também da observação direta, mediante entrevistas com questionário semiestruturado, este trabalho buscou, através de estudo de caso, demonstrar que apesar da mulher negra se encontrar em um espaço de incompreensão, a luta desta por reconhecimento, em se perceber como parte da criação e benção divina, passa pela oportunidade de conhecer uma hermenêutica que a fortaleça dentro das relações eclesiais de poder, a saber, o conhecimento acerca da teologia negra feminista.

Palavras-chave: Mulher negra. Racismo. Feminismo. Hermenêutica.

Abstract:

This text intends to make visible the representation of black women in religious spaces, particularly in the evangelical church, addressing the categories of gender and ethnicity when observing what are the biggest difficulties that black women encounter during the whole process of building their own religious identity. An analysis of how most evangelical churches tirelessly reproduce racism today and naturalize the treatment that is given to black women by perpetuating discriminatory dynamics in their hierarchical relationships. Showing that the black woman remains stagnant at the base of this pyramid, and of so many other social pyramids. Through bibliographic research, through the historical-dialectical method, also through direct observation, through interviews with a semi-structured questionnaire, this work sought, through a case study, to demonstrate that despite the black woman being in a space of incomprehension, the struggle from this, through recognition, in perceiving itself as part of divine creation and blessing, it passes through the opportunity to know a hermeneutic

that strengthens it within ecclesiastical relations of power, namely, knowledge about black feminist theology.

Keywords: Black Woman. Racism. Feminism. Hermeneutics.

Introdução

Ao trazer o olhar feminista sobre a hermenêutica bíblica e a vivência nas igrejas evangélicas, é possível observar e problematizar as dificuldades enfrentadas pela mulher negra dentro de uma estrutura religiosa patriarcal. Neste sentido a proposta busca tratar das influências e desafios da teologia destinada a mulheres negras, uma vez que suas causas e pleitos não são contemplados ou compreendidos pela teologia vigente.

Para tal, realizamos um estudo de caso, através de um questionário aplicado em três mulheres negras. As entrevistas ocorreram em ambiente reservado, nas casas das voluntárias, e cumpriram os critérios da ética em pesquisa com seres humanos conforme resolução n. 196/1996 do Conselho Nacional de Saúde. As entrevistadas são Karina Belo, de 36 anos, que trabalha com recursos humanos e se declara cristã, outra identificada pelo pseudônimo Fernanda, de 42 anos, Advogada, membro da igreja evangélica Ministério Semente, localizada no Guará II/DF e a última entrevistada foi Andreia Cláudia de Souza, de 49 anos, trabalha com Serviços gerais, membro da Primeira Igreja Batista do Céu Azul/Goiás.

Com o foco na mulher negra, esse estudo também faz uso da leitura de autoras negras, como Djamila Ribeiro, Ângela Davis, Bell Hooks dentre outras, e que, mesmo fora do contexto e de reflexões bíblicas, são pensadoras de grande relevância dentro do feminismo negro. Suas contribuições às causas da mulher negra permitem que tenhamos uma visão mais realista e aprofundada dos contextos sociais atuais.

A luta da mulher negra também passa pela emancipação da hermenêutica bíblica dos moldes tradicionais, assim pretendemos traçar um caminho possível para a identificação da mulher negra como parte integrante da criação de Deus, sendo protagonista nos desígnios, ministérios e cargos nas igrejas evangélicas.

Categorias sociais e poder religioso

Na busca por uma teologia própria, uma vez que, compreendidas dentro de uma teologia ocidental, pessoas negras enfrentam os desafios de serem representadas nas igrejas evangélicas. As frentes presentes na luta por igualdade, no contexto religioso, ainda se demonstram bastante frágeis, mesmo quando a consciência moderna possui espaço de fala, essa fragilidade é visível no tocante às relações de poder. Como vemos na descrição feita por Karina¹ expressando seu pensamento ao dizer

¹ Karina Belo, entrevistada de 36 anos, trabalha com recursos humanos e se declara cristã

que “a mulher negra deveria estar atuante em todos os setores da igreja. Em segundo lugar, elas não deveriam abaixar a cabeça. A maioria das pessoas negras parece que querem se esconder”.

Ao passo que algumas pequenas coisas mudam, como exemplo a representatividade de pastores negros nas igrejas evangélicas, ela vem arraigada de vários aspectos tácitos de dominação, a exemplo retratado por Fernanda² ao afirmar: “o meu pastor é negro e não se considera negro”, refletindo um padrão característico, pois “até os próprios negros são racistas entre si. Dependendo da posição que ocupam eles se sentem melhores que os outros negros”³, evidenciando uma deficiência na adequação do poder religiosos.

Essas relações possuem a função de reproduzir desigualdades, que se desenvolvem em si, e exercem força nos aparelhos sociais e nas instituições, fortalecendo as divisões que percorrem o corpo social. Isso se dá através das relações de poder⁴ estruturado e ao mesmo tempo estruturante dentro das práticas e hierarquias existentes nas igrejas evangélicas.

Assim, o poder⁶ é circundante, entrelaçado no tecido social e em múltiplas correlações de forças que reforçam os laços das microrrelações cotidianas. São as microrrelações que podem influenciar e reforçar as macrorrelações, além disso, é importante notar que, implícita na relação de poder, há uma relação de resistência, como outra forma de exercê-lo.

Assim, o âmbito religioso, por muitas vezes e em diversos aspectos, possui características necessárias para promover “uma produção multiforme de relações de dominação”⁵, como é percebido por Fernanda⁶ ao descrever as funções destinadas às mulheres, considerando também mulheres negras, em suas igrejas locais:

Sempre foi óbvio que a mulher está sempre ligada ao ministério infantil. A mulher entra na oração das crianças, na hora de colocar o copo de água para o pastor, na hora de um aviso, por exemplo: festas para as crianças, arrumar a mesa da Santa Ceia. É sempre um lugar secundário.

O discurso destas mulheres negras nos permite perceber que elas estão inseridas, nas estruturas de poder, dentro de duas categorias sociais, das quais uma é a categoria de raça, quanto se

² Pseudônimo Fernanda, entrevistada de 42 anos, Advogada, membro da igreja evangélica Ministério Semente Guará II/DF

³ Andreia Cláudia de Souza, entrevistada de 49 anos, trabalha com Serviços gerais, membro da Primeira Igreja Batista do Céu Azul/Goiás

⁴ O poder, pode ser definido e compreendido através do pensamento de Foucault (2012), que descreve o poder como ‘saber’ e como uma multiplicidade de práticas e relações dinâmicas de estratégias presentes em todo lugar e tempo entre relações de força desiguais e móveis que constituem o corpo social onde “as relações de poder existem entre um homem e uma mulher, entre aquele que sabe e aquele que não sabe, entre os pais e as crianças, na família. Na sociedade, há milhares e milhares de relações de poder e, por conseguinte, relações de forças de pequenos enfrentamentos, microlutas, de algum modo” (FOUCAULT, 2006, p. 231), também, o conceito de poder, é capaz de ser entendido mediante o que Elias (2008, p. 81) afirma como “uma característica estrutural das relações humanas – de todas as relações humanas”, ele é resultante do encontro das funções sociais em uma relação complexa e dinâmica

⁵ Foucault, 2006, p. 249

⁶ Pseudônimo Fernanda, entrevistada, 2019

remete ao ‘negro’ e outra é a categoria de gênero quando tratamos acerca da ‘mulher’, ambas se encontram em contexto de minorias sociais⁷ e, portanto, intensificam o peso do estigma social nas relações de poder existentes dentro das instituições religiosas.

(Re)interpretando raça no brasil

Quando nos propomos a analisar a noção da expressão ‘negro’, em contexto brasileiro, imediatamente remetemos à categoria raça, que é expressa na relação entre grupos étnicos e como ela se dá, no que tange o contato, as trocas e a dominação. Assim a identidade étnica é “um foco gerador de critérios de reconhecimento e das pautas de relacionamento interétnico”⁸, pois entra em pauta diversos aspectos, tanto naturais quanto sociais, que implicam em certa tensão.

Tal tensão, levou estudiosos como Cardoso de Oliveira (1996) a salientar que o conhecimento sobre esse contato só poderia ser alcançado, se o foco das relações interétnicas estiver no conceito de fricção. Os fenômenos de contato, primeiramente através dos pressupostos de Balandier (1980), com o negro nas Américas, que superou os pressupostos contidos em Malinowski (1978) que, de certo modo, mistificou a questão do contato. Circunstâncias que nos leva a entender o contato interétnico⁹.

Na medida em que as relações sociais ganhavam corpo de relações de dominação, tais identidades são associadas às hierarquias, lugares e papéis sociais correspondentes, e conseqüentemente, ao padrão de dominação que se impunha. Deste modo, raça e identidade racial foram estabelecidos como instrumentos de classificação e diferenciação social básica da população. Brandão¹⁰ consegue complementar ao descrever que:

Em princípio, o contacto entre grupos étnicos é um acontecimento de determinações sócio-geográficas. Duas ou mais sociedades confrontam-se em um mesmo território, pelo qual uma delas pode destruir, deslocar ou submeter a outra.

Vemos também, de maneira bem extensa a exposição em análises de sobreposição de uma cultura sobre a outra, como faz Cardoso de Oliveira¹¹ ao organizar suas ideias:

A cultura mais fraca, B (diríamos nós: a tribal — RCO), deve obviamente submeter-se ao recrutamento em posições de status baixo, aceitar a exclusão das ordens desejáveis das atividades de A e permitir a admissão daqueles de fora em posições de status alto em suas próprias atividades. Esta é uma situação de domínio completo da cultura A sobre a cultura B.

⁷ Entende-se por ‘minorias sociais’ os grupos que, de alguma forma, possuem baixa representatividade no que concerne a seus direitos dentro de uma sociedade, devemos ter o cuidado para não interpretar como minoria quantitativa, pois geralmente os grupos sociais carentes de amparo fazem parte da maioria quantitativa de uma população

⁸ Brandão, 1977, p. 40

⁹ Trata-se da permeabilidade das fronteiras étnicas que, ao invés de isolar, elege momentos nos quais as mesmas se “abrem”. Porém, devemos levar em conta que existe, na escolha de momentos de abertura de fronteira, uma relação dialógica com outros grupos étnicos e comunidades circunvizinhas (MULLER, 2005, p. 34)

¹⁰ Brandão, 1977, p. 31

¹¹ Cardoso de Oliveira, 1996, p. 41

Deste modo, a noção de superioridade não fornece uma visão exata do fenômeno, e para que essa visão seja mais factível é preciso que se fale de ‘sociedades em oposição’, pois assim podemos fugir de certas limitações ao se considerar apenas os aspectos aculturativos.

A realidade do processo de colonização da terra brasileira permite compreender melhor os aspectos das trocas interétnicas aqui presentes. Temos no Brasil, com Darcy Ribeiro¹², análises que levem em conta a importância do contexto histórico assim como da estrutura econômica regional, que apresenta um pensar específico de manutenção espontânea das práticas de expropriação de raça que perduram ao longo dos anos.

Fator que condena o negro a uma relação racial subalterna, da qual nitidamente Fernanda, a advogada entrevistada, reconhece, quando observa sua própria condição de negra em comparação à sua mãe branca:

A minha mãe é branca e meu pai é negro meu irmão também é negro, minha mãe nunca percebeu o que o racismo causava. Esses dias, ao ir ao shopping com a minha mãe, demonstrei medo ao entrar com a minha mochila e ser confundida com algum ladrão. Tive medo mesmo. A minha mãe ficou assustada com o meu medo, ela nunca percebeu o que acontecia com relação ao racismo¹³.

Portanto, somos enquanto nação, pessoas que mantêm as estruturas de poder e dominação de raça, independentemente das condições éticas e morais presentes em nossa sociedade ou, até mesmo, apresentadas nos atraentes discursos religiosos dentro das igrejas evangélicas. Pelo fato de possuir raízes étnicas “estranhas” às impostas socialmente, estamos em um ‘estado’ que descaracteriza, nega e invisibiliza o negro, fazendo com que os próprios neguem sua autopercepção, na busca por aceitação e espaço dentro da sociedade brasileira, conseqüentemente dentro de suas igrejas.

A mulher nas relações de gênero

A divisão de gênero entre homem e mulher, na sociedade burguesa, está intrinsecamente ligada a divisão social do trabalho. Sabendo que nossa sociedade foi estruturada na lógica do patriarcado, entendemos que a proposta patriarcal desempenhou papel fundante na elaboração da divisão sexual do trabalho, onde “as mulheres geralmente são consideradas menos qualificadas e aceitam salários menores”¹⁴. Durante séculos, o poder da palavra pertencia ao homem branco. A todo momento, a supremacia masculina branca ditava o que deveria ser seguido, considerado, sem respeitar as diferenças e criando um universo de desigualdades que promove a manutenção dos privilégios a este grupo:

¹² Trata-se do fenômeno de ‘integração’ conceituado enquanto ‘estado’, em comparação ao ‘processo’. Assim, grupos que se encontram integrados participam “intensamente da economia e das principais formas de comportamento institucionalizado da sociedade brasileira” e sofrem “profunda descaracterização” em suas línguas e culturas (DARCY RIBEIRO *apud* CARDOSO DE OLIVEIRA, 1996, p. 45)

¹³ Pseudônimo Fernanda, entrevistada, 2019

¹⁴ Richter Reimer, 2004, p. 42

Arei a terra, plantei, enchi os celeiros, e nenhum homem podia se igualar a mim! Não sou eu uma mulher? Eu podia trabalhar e comer como qualquer homem – quando conseguia comida e aguentava o chicote da mesma forma! Não sou eu uma mulher? Dei à luz a treze crianças e vi a maioria ser vendida como escrava e, quando chorei em meu sofrimento de mãe, ninguém, exceto Jesus, me ouviu! Não sou eu uma mulher?¹⁵

Sojourner Truth¹⁶, uma abolicionista afro-americana e ativista dos direitos das mulheres, durante uma convenção em Akron, defendeu de modo contundente as diferenças e os direitos que não lhe eram supridos simplesmente pela sua condição de gênero. Enfrentou também homens desordeiros que tinham o propósito de desqualificá-la por ser mulher.

Deste modo, a questão de gênero é um fator determinante para entender a sociedade como se põe, em sua constituição, a exemplo das relações assimétricas existentes entre homem e mulher, a exemplo da autoridade, que é concepção destinada aos homens, pois, “os homens são socializados para exercer autoridade; as mulheres são socializadas para submeter-se a ela”¹⁷.

Além disso, a diferença de classes influenciou, em parte, a composição do movimento feminista. As mulheres de maior poder aquisitivo e maior escolaridade não se contentariam com um trabalho de baixa remuneração. O que elas desejavam era ter os mesmos direitos que os homens de sua classe desfrutavam, embora o labor de qualquer uma dessas mulheres era “muitas vezes com jornada dupla de trabalho”¹⁸.

No começo, os únicos trabalhos disponíveis eram aqueles de menor remuneração. Algumas mulheres aceitavam trabalhos inferiores às habilidades adquiridas na própria educação, uma vez que tinham o anseio de, por meio do trabalho, atingir a própria independência financeira e a possibilidade de, por sua própria vontade, escolher os representantes políticos:

Esforços reformistas de grupos privilegiados de mulheres para mudar o mercado de trabalho, para que as trabalhadoras fossem mais bem remuneradas e encarassem menos discriminação de gênero e assédio no trabalho, tiveram impacto positivo na vida de todas mulheres. Hooks, *O feminismo é para todo mundo*¹⁹.

No entanto, somente mulheres de classes trabalhadoras percebiam que não conseguiram a liberdade financeira que almejavam nesse tipo de trabalho. Nesse intervalo, aquelas que trabalhavam em funções tidas como subalternas acabaram sendo desqualificadas para essas decisões. Desse modo, as classes de massa com menores salários foram desmerecidas e, por diversas vezes, submetidas a ações e punições desumanas, sabendo que “o papel da mulher é ser subjugada. A tomada de decisão sempre é atribuída ao homem”, afirma Fernanda em entrevista.

¹⁵ Davis, 2016, p. 71

¹⁶ Sojourner Truth apud Davis, 2016

¹⁷ Richter Reimer, 2004, p. 43

¹⁸ Hamilton Ribeiro, 2018, p. 87

¹⁹ Hooks, 2018, p.67

Mesmo com os diversos avanços e abertura de possibilidades para as mulheres, o que ocorre, é que as mulheres de classe inferior ou mulheres que integravam a massa operária não conseguiam igualdade de ganhos com o homem. Os interesses entre as classes mais privilegiadas eram, portanto, mais influentes do que qualquer tipo de unificação de esforços dentro do movimento feminista.

Noções do feminismo negro na vivência eclesial

Ao olhar o relacionamento entre mulheres nas igrejas, no que concerne às relações cotidianas, é possível analisar que este possui características assimétricas quando observamos a categoria de raça, para tal, o que precisa ser observado é uma luta por direitos que vem sendo, constantemente, desrespeitada. Existe uma disputa pela continuidade de direitos já adquiridos, ou manutenção da ordem estabelecida, esta determina a não percepção do outro, neste caso a mulher negra invisibilizada, da qual, suas necessidades, não recebem o mesmo tratamento destinado às mulheres brancas, dentro das instituições eclesiais.

O racismo como fator determinante entre mulheres evangélicas, faz com que Andreia Cláudia, observe que, na sua comunidade de fé, mulheres brancas possuem preferência para assumir trabalhos e cargos, algo que não acontecia em mesmas condições com mulheres negras. Também nota certa divisão dentro do espaço religioso, pois, “quando estamos dentro de um evento eu percebo que somos separadas, as mulheres mais claras ficam de um lado e as mulheres negras de outro”.

A entrevistada vai além, cita a represália sofrida pelas mulheres negras, quando estas formam grupos que as fortaleçam dentro da comunidade de fé, pois “um grupo de cânticos chamado Negritude e isso causou uma confusão entre as mulheres brancas e negras. Eu noto que as mulheres negras são colocadas de lado”²⁰.

Esse aspecto de segregação faz com que haja um distanciamento de pautas que deveriam ser comuns. Nesse momento, o fator racismo também afasta a ideia de que mulheres negras e brancas estão dentro do mesmo sofrimento, sendo que a luta da mulher negra poderia ser menos sofrida se não houvesse tanta discriminação arraigada no tom da sua pele.

A distinção do feminismo por raça

As mulheres negras fazem parte da grande massa de trabalhadoras e embora tenhamos uma luta feminista, como já observamos, o tom de pele diferencia também o engajamento das mesmas, visto que, nos primórdios das lutas, o feminismo não incluía e não comportava as pautas e necessidades das mulheres negras.

Estas, por sua vez, já lutavam por reconhecimento de seus trabalhos, visto que não lhes foi dada a opção de trabalharem fora do âmbito doméstico. Essa natureza de ofício vinha como imposição. Parte da busca da mulher negra era, além do reconhecimento, ser tratada com mais

²⁰ Andreia Cláudia de Souza, entrevistada, 2019

humanidade. Simone de Beauvoir²¹ afirmou que “se a questão feminina é tão absurda é porque a arrogância masculina fez dela uma querela, e quando as pessoas querelam não raciocinam bem”. A luta das mulheres negras precisa de expressividade.

A mulher negra não luta somente contra as desigualdades e injustiças que o homem produz sobre seu o corpo. Sua luta também é para tentar estar no mesmo patamar que uma mulher branca e, portanto, ser reconhecida como do mesmo gênero. Ultrapassar a função historicamente imposta de ocupar a função de fêmea. Essa batalha é tão antiga que remete ao período da escravidão, quando convinha aos senhores de escravos, não havia diferenças entre homens e mulheres, meninos e meninas. Todas e todos trabalhavam até o pôr do sol, recebiam os mesmos açoites. Existia, no entanto, outras formas de reprimir a mulher.

A partir das práticas de abusos e violências sexuais²², ocorria ainda um aumento da mão de obra escrava. A ideologia de maternidade que alcançava as mulheres brancas não abrangia as escravas. Seus filhos eram comparados a gado e, aos olhos dos proprietários, elas não eram mães, uma vez que serviam apenas como mecanismos para produzir força de trabalho e aumentar os lucros.

O feminismo negro já estava presente nessa época, visto que mulheres negras também faziam parte das rebeliões na luta por liberdade. Elas estavam tanto no trabalho rural como na luta contra todo tipo de violência que seu povo sofria. Elas sobreviveram à instituição da escravidão “As mulheres resistiam e desafiavam a escravidão o tempo todo”²³.

A complexidade que existia na vida de uma mulher negra era muitas vezes incompreensível para o entendimento da mulher branca, considerando que o tratamento destinado às escravas era muito desigual. A força e a personalidade da mulher negra foram forçadas na maneira que ela foi tratada, com trabalho extenuante, açoites – muitas vezes, estando grávidas – constantes abusos sexuais.

Para a população negra, não era permitido a instituição casamento e família. Havia, portanto, a desumanização e a falsa ideia de promiscuidade. O que ocorria era abuso e coerção sexual, uma vez que a intenção era de que não existisse um modelo de homens e mulheres negros fortes a ser seguido pelas crianças negras. A intenção era que essa mulher não percebesse a força que possuía, por isso a violência sexual era tão presente: para lembrá-la na sua condição de fêmea, que guerra não é para mulheres.

O feminismo negro não é somente uma luta da identidade da mulher negra, é uma luta por democracia, luta por poder acessar aos lugares públicos e ser respeitada como qualquer outra pessoa,

²¹ Simone de Beauvoir *apud* Djamila Ribeiro, 2018.

²² Quando Ângela Davis (2016, p. 72) as diferenças de tratamento que um homem desprende às mulheres negras em comparação às brancas, afirma que “aquele homem ali diz que é preciso ajudar as mulheres a subir numa carruagem, que é preciso carregá-las quando atravessam um lamaçal e que elas devem ocupar sempre os melhores lugares. Nunca ninguém me ajuda a subir numa carruagem, a passar por cima da lama ou me cede o melhor lugar! E não sou uma mulher?”, levando em consideração sua condição racial

²³ Davis, 2016, p. 33

é ter as mesmas oportunidades que as pessoas brancas, acesso a serviços básicos. Como afirma Djamila Ribeiro²⁴, descrevendo as suas aflições por ser mulher negra:

Não sabia por que sentia vergonha de levantar a mão quando a professora fazia uma pergunta, já supondo que eu não saberia a resposta. Por que eu ficava isolada na hora do recreio. Por que os meninos diziam na minha cara que não queriam formar par com uma neguinha.

Fica de fácil compreensão as razões pelas quais meninas e mulheres negras têm baixa autoestima, não só com relação ao físico mais também ao intelectual. O tratamento que é dispensado na educação não observa as diferenças e de pronto intitula a criança como incapaz. Desde o nascimento, não são observadas as diferenças culturais, tornando-as parte fora do todo, com algo a ser excluído, como algo fora do padrão.

As políticas universais não atingem todas as mulheres e as mulheres negras ficam fora desse discurso. Sofrem com a falta de representatividade. O conceito feminismo negro é deturpado muitas vezes por ideias errôneas que não correspondem a luta que ele representa. Como diz Djamila Ribeiro²⁵, não é uma questão de querela, é sim uma luta por direitos humanos, por uma sociedade igualitária, sem hierarquia de gêneros e sem as desigualdades entre as etnias.

Dentro do feminismo de mulheres brancas, essas questões não eram contempladas, pois faz-se necessário entender que ser mulher, expressa multiformidade que extrapola essas amarras, mulheres lutam por ser indígenas, brancas, negras, lésbicas, transexuais, etc. Por essa razão, o feminismo negro surge para tratar de questões que são de extrema importância para a sobrevivência de uma parcela da população que não usufrui de uma representatividade.

Estereótipos e a vivência religiosa

Para as mulheres negras, a teologia vigente não trata das questões de sexismo e racismo que são presentes no cotidiano de suas vidas. Aquela, na verdade, as discrimina de modo segregado:

“Dentro da igreja, parece que as pessoas têm um maior cuidado para dar algum cargo para as pessoas negras. Não são dados cargos de lideranças. Eu estou na igreja desde os nove anos e sempre fico no cuidado das crianças, dos adolescentes. Durante todos esses anos, nunca consegui passar disso”²⁶

²⁴ Djamila Ribeiro, 2018, p.53

²⁵ Djamila Ribeiro, 2018, p.55

²⁶ Andreia Cláudia de Souza, entrevistada, 2019

Ao descrever como se sente, Karina²⁷, afirma que não é representada como mulher negra na igreja, pois “para me representar deveria ter várias pastoras, uma que fosse negra independente de ser casada, uma mulher separada que também fosse pastora”, mostrando que as exigências de padrão de comportamento²⁸ são distintas entre gêneros.

Além disso, Fernanda²⁹, nos leva a refletir sobre como “as mulheres teriam que ter mais visibilidade, começando pela pastora. Ela deveria ocupar um lugar mais atuante”, enquanto isso, elas ocupam os espaços cujas atividades são rejeitadas pelos homens da igreja, que não se propõem a atender.

As celebrações anuais, do mesmo modo, deixam de atender aspectos históricos da mulher negra, dificultando o acesso às informações sobre suas origens, queixa essa apresentada por Andreia Cláudia³⁰ “Não, não tem evento, não tem estudo, não tem nada para a mulher negra, nenhuma programação. Nem no dia da consciência negra isso é falado na igreja”.

É preciso “maior representatividade, ter atitude, conhecer a Palavra com autoridade. Observar as pessoas, ter uma contextualização como a realidade do povo negro”³¹ e assumir uma postura firme sobre suas origens e princípios, mesmo que os desafios sejam grandes³².

Assim, para fazer parte integrante, na vivência religiosa dessas mulheres, faz-se obrigatório moldar-se aos estereótipos impostos. As mulheres negras nas igrejas evangélicas se olham e percebem que devem “manter uma aparência de branco, mesmo sendo negro”³³ para poder usufruir do pouco que as instituições religiosas dispõem para elas.

A teologia negra feminista como alternativa hermenêutica

As décadas de 60 e 70 foram fundamentais para a formação da teologia negra, onde a proposta teológica, incansavelmente, buscou informar ao povo negro sua luta constante, até que fossem cumpridas as promessas³⁴ contidas nos evangelhos e alcançada a libertação de qualquer forma de opressão e violência. Deste modo, é possível entender que:

O povo negro afirma que ele existe. Esta afirmação foi feita em plena experiência de ser negro na sociedade americana hostil. A Teologia Negra não é um dom do evangelho cristão

²⁷ Karina Belo, entrevistada, 2019

²⁸ Esse padrão não é restrito ao comportamento da mulher, quando líder, mas se entende a todos que estão em sua volta, exigências que vão além de suas competências, como descreve Karina (2019) “Nunca uma diarista é pastora. Para ser pastora tem que ter uma vida perfeita. Mulher com filho preso não pode, a que adulterou também não. Eu percebo que não há uma aproximação com as pessoas comuns”

²⁹ Pseudônimo Fernanda, entrevistada, 2019

³⁰ Andreia Cláudia de Souza, entrevistada, 2019

³¹ Karina Belo, entrevistada, 2019

³² Fernanda (2019) descreve sua insatisfação, quando seu esforço não recebeu reconhecimento da liderança eclesial local: “houve um seminário na minha igreja. Foram vinte módulos e eu apresentei dezesseis. No dia da formatura, que teve banca, na formação da mesa, eu não fui convidada para fazer parte. Foi o pastor, o diretor da escola, somente homens, sendo que eu participei intensamente de todo o processo. Eu fiquei muito chateada, não sei se isso ocorreu por eu ser mulher ou ser negra. Somente os homens participaram da mesa, sendo que eles apresentaram somente quatro módulos dos vinte”

³³ Andreia Cláudia de Souza, entrevistada, 2019

³⁴ A representatividade simbólica é fundamental para a construção da autopercepção do indivíduo religioso, “o homem tem uma dependência tão grande em relação aos símbolos e sistemas simbólicos a ponto de serem eles decisivos para sua viabilidade como criatura” (GEERTZ, 1989, p. 73)

outorgado aos escravos. Antes, é uma apropriação que os escravos negros fizeram do evangelho que lhes fora dado pelos opressores negros³⁵.

O povo negro fazia uma analogia entre o cativo e a sua situação de escravo em terra estranha, buscava um Deus que também ouvisse e se sensibilizasse com a sua dor³⁶, pois, existe a necessidade de rever algumas das leituras de textos bíblicos para ter uma interpretação mais condizente e mais precisa sobre o lugar que a mulher negra ocupa na sociedade. Desse modo, é possível entender como elas sofrem opressão social, têm seus corpos violentados constantemente e passam por dores e violações desde a época colonial até os dias atuais:

Jesus Cristo é o assunto da Teologia Negra, porque ele é o conteúdo das esperanças e sonhos do povo negro. Ele foi escolhido por nossos avós, que viam em sua presença libertadora que ele tinha escolhido e assim se tornou o fundamento de sua luta pela liberdade. Ele era a Verdade deles, capacitando-os a saber que as definições feitas pelos brancos acerca da humanidade negra eram mentiras³⁷.

No período da escravidão, quando houve a travessia do atlântico negro, a vinda dessas mulheres tinha também o objetivo de acalmar os ânimos dos escravos: elas estavam nas mesmas embarcações que os homens e, quando chegavam ao seu destino, eram vendidas de acordo com sua capacidade de trabalho e procriação – deveriam ter um filho a cada ano em que permanecesse a sua fertilidade, sendo tratadas como incubadoras.

Assim, Cone levanta uma questão: ‘qual a relação da Teologia Negra com os ensinamentos de Jesus?’. Para responde-la entende que a Bíblia é a fonte da teologia cristã, mas o povo negro não se vê representado pelos princípios cristãos de justiça, de que deve haver esperança por dias melhores e de que seus direitos serão respeitados. Foi por meio das Escrituras que o povo negro se capacitou e percebeu a visão deturpada utilizada pelo próprio pensamento religioso estruturado, que buscava se beneficiar de entendimentos equivocados:

Quando o caminho ficou deformado e sem sentido, eles falaram com Jesus sobre eles. Jesus ergueu as cargas deles e aliviou-lhes a dor, depositando, com isso, neles uma visão de liberdade que transcendia as limitações históricas³⁸.

O povo negro viu que a visão de Deus para eles era totalmente distinta daquela que seus senhores apresentavam. A teologia vigente busca legitimar a dominação sobre o povo negro por meio de entendimentos bíblicos, fazendo-os acreditar que era justa a escravidão e que através da Bíblia eles poderiam se tornar escravos melhores:

A Teologia Negra foi alimentada, mantida e transmitida nas igrejas negras pelos vários modos de expressão. A Teologia Negra tratou de todos os problemas principais e violentos de vida e de morte que enfrenta um povo desprezado e aviltado³⁹.

Mesmo diante das injustiças, mesmo quando as crenças do povo negro não foram respeitadas, tudo o que foi produzido de conhecimento não tinha o interesse do homem branco, e por

³⁵ Cone e Wilmore, 1986, p. 218

³⁶ Ela está vestida de concepções com uma aura de fatalidade, da qual “a existência da perplexidade, da dor e do paradoxo moral – do problema do significado – é uma das coisas que impulsionam os homens para a crença em deuses, demônios e espíritos, princípios totêmicos ou a eficácia espiritual do canibalismo [...] Esse é o seu campo de aplicação” (GEERTZ, 1989, p. 80)

³⁷ Cone, 1985, p. 43

³⁸ Cone, 1985, p. 43

³⁹ Cone e Wilmore, 1986, p. 218

muito era demonizado. Isso gerou conflitos e muita dificuldade de aceitar esse Deus, já que as atrocidades cometidas pelos brancos pareciam ser legitimadas pelo mesmo Deus que a teologia negra ofertou aos seus.

Visão de evangélicas feministas sobre o texto sagrado

A visão que acompanha uma mulher evangélica, a insere em lugares subalternos à sua própria vida e não permite que ocupem os espaços desejados. Esses espaços são almejados a fim de garantir dignidade dentro da comunidade de fé. Andreia Cláudia⁴⁰ descreveu, ao afirmar que, “estamos no mesmo nível das mulheres no tempo de Jesus, não evoluímos não”. Deste modo, para estas mulheres⁴¹ o olhar sobre o texto ainda preserva seu caráter androcêntrico, “o machismo na Bíblia impera. Somente Jesus que coloca a mulher no lugar que ela merece ou o lugar que pertence a ela desde o começo”⁴².

Quanto às demais leituras bíblicas, a presença de mulheres, interpretada, não possui representatividade significativa para estas. “As mulheres estão sempre relacionadas ao pecado, é a mulher adúltera, a pecadora, o espírito imundo. Não percebo o nome da mulher ligado a algo divino, somente Maria”⁴³, e este divino de Maria, se dá ao fato de a personagem bíblica exercer a função de mãe, gerar e cuidar.

Assim, Andreia Cláudia, Fernanda e Karina fazem uma descrição do que uma parcela das comunidades evangélicas se ensina sobre a mulher, a partir de uma hermenêutica patriarcal elas olham que “as mulheres na Bíblia são sempre tratadas com preconceito. Acho que é costume as mulheres ficarem em segundo plano”⁴⁴.

Afirmando que a “Bíblia sempre retrata a mulher em um papel secundário. Na Bíblia os autores são homens, os evangelhos foram escritos por homens”⁴⁵, mesmo aquela que não possui tanta propriedade para afirmar, vai entender que:

Eu li muito pouco, mas percebo que a maioria dos livros são sempre os homens que têm uma atuação maior. Na Bíblia as mulheres também são coadjuvantes⁴⁶.

Para tal, faz-se necessário romper com esse aspecto estruturante. É preciso construir um diálogo que insira estas mulheres, e tantas outras, em debates mais profundos acerca da hermenêutica bíblica, para que estas encontrem o que tanto buscam, a representatividade necessária nos escritos sagrados:

Poderia também existir uma atuação da mulher negra. Deveria também buscar personagens negros na Bíblia, eu só lembro do eunuco. Eu acredito que deve existir mais, porém não são mencionados. Poderia contextualizar a questões dos negros com a Bíblia⁴⁷.

⁴⁰ Andreia Cláudia de Souza, entrevistada, 2019

⁴¹ Descrição uníssona das mulheres negras entrevistadas, descritas no segundo parágrafo da introdução deste artigo, que mesmo não se conhecendo, concordam em suas afirmações.

⁴² Pseudônimo Fernanda, entrevistada, 2019

⁴³ Karina Belo, entrevistada, 2019

⁴⁴ Andreia Cláudia de Souza, entrevistada, 2019

⁴⁵ Pseudônimo Fernanda, entrevistada, 2019

⁴⁶ Karina Belo, entrevistada, 2019

⁴⁷ Pseudônimo Fernanda, entrevistada, 2019

Deste modo, possibilitando às mulheres o acesso a interpretação bíblica e ao ensino religioso que evidencie uma realidade “presente desde os primórdios do cristianismo, ao se permitir reconhecer o protagonismo das mulheres como elemento de resistência na história narrada nos evangelhos”⁴⁸ e na Bíblia em geral.

O livro de Rute como exemplo hermenêutico libertador

Várias leituras podem ser feitas do livro de Rute⁴⁹. Entre elas, a genealogia de Davi, ligando a narrativa “ao tema bíblico principal da história da redenção”⁵⁰, também a ação de bondade de Boaz para com Rute, mas principalmente trata de amor, fidelidade e amizade entre Noemi e Rute. Neste caso, é possível também fazer uma leitura sob o ponto de vista de ações feministas: foram as duas mulheres que elaboram toda uma estratégia para sair daquela situação de fome e miséria.

A situação precária dessas mulheres foi o que as impulsionou à mudança da estrutura, tida como certa e definitiva, vigente naquele contexto social, assim, olharmos para Noemi e Rute sabendo quem ambas possuem muita força para suportar “o peso das provações que lhes são impostas”⁵¹.

Noemi conheceu o sofrimento: “não é esta Noemi? Porém ela lhes dizia: Não me chames Noemi; chamei-me Mara”⁵². Por essa razão, mudou de nome, visto que essa era a denominação que tinha no começo de sua vida, mas que não mais a contemplava e condizia com sua atual situação.

O livro de Rute tem as mulheres como principais protagonistas. São mulheres que estão inseridas em uma sociedade patriarcal e androcêntrica “de modo marcante, porém, em Rute, a direção de Deus assume forma singular”⁵³.

Podendo ser entendido como um texto feminista sob a perspectiva de que explica como as mulheres se organizaram, planejaram e colocaram em prática ações que foram responsáveis por mudar a situação em que estavam inseridas, dentro de uma sociedade que não cuida dos marginalizados, sem necessitar de direcionamento masculinos em suas atitudes e comportamento, pois “em Rute não há nenhuma orientação por meio de sonhos, visões, mensageiros angelicais ou vozes do céu”⁵⁴.

No entanto, mesmo com essa movimentação, a atuação feminina foi subjugada pela estrutura do patriarcado. A hermenêutica hegemônica desse livro é dada de forma enfática à genealogia de Davi e à bondade de Boaz, fazendo com o que o trabalho que essas mulheres desempenharam passasse despercebido em diversos momentos – ou então chamando a atenção para a obediência de Rute para com Noemi.

A estratégia por elas criada foi elaborada a partir do olhar de alguém que já conheceria a fome e a miséria. Deve-se observar, portanto, que essa estratégia só ocorreu a partir do sofrimento

⁴⁸ Hamilton Ribeiro, 2018, p. 85

⁴⁹ Segundo Sellin e Fohrer (2007, p. 342) a narrativa do livro é expressa pela saga presente em outros textos canônicos como Jó, da qual o livro de Rute representa uma “antiga saga estava ligada a fatos históricos reais, sobretudo no que se refere ao contexto histórico e local”

⁵⁰ Lasor et al., 2009, p. 574

⁵¹ Sellin e Fohrer, 2007, p. 344

⁵² Rute 1,20, Bíblia Sagrada, Almeida Revista e Atualizada, 1997

⁵³ Lasor et al., 2009, p. 573

⁵⁴ Lasor et al., 2009, p. 573

que por muito tempo essas mulheres passaram. É sobre esse olhar feminino que devemos fazer uma construção histórica.

Deus se apresenta nesse contexto como um Deus⁵⁵ libertador, pois “o livro destaca a direção bondosa de Deus na vida dessa família”⁵⁶, fator que remete à inclusão e, portanto, passivo de acolher pessoas da comunidade negra, já que a benção divina não é dada a partir de cortes culturais. É preciso ter uma leitura sensível e inclusiva com a finalidade e abranger diferentes culturas.

Dentro do livro de Rute, podemos analisar várias teorias, com a de classe, de gênero e de etnia, pois revela que “Deus acolhe não-israelitas na aliança”⁵⁷. Com essas leituras, podemos reconstruir uma visão da história sobre o povo oprimido e que foi cerceado. É preciso, portanto, refletir sobre o corpo da mulher e sobre suas aflições, abusos, agressões e violações sofridas.

Sob essa perspectiva do livro de Rute, a mulher pobre e negra pode se sentir representada: Rute era uma mulher pobre, viúva e estrangeira, parte daqueles que estão à margem da sociedade – assim como a mulher negra está até os dias atuais. O livro de Rute abre um novo caminho, uma esperança para essa mulher negra e pobre que sofre com a discriminação, a violência e o racismo.

Esse olhar feminista, na leitura do livro de Rute, passa uma mensagem de esperança, combativa e em discordância ao que a sociedade machista e racista tenta perpetuar, afim de receber a benção divina estabelecida, “que Iahweh te retribua o que fizeste e que recebas uma farta recompensa da parte de Iahweh, Deus de Israel sob cujas asas vieste buscar refúgio!”⁵⁸.

Deus se revela à mulher negra, esta, por muitas vezes, é tratada com se não pertencesse a criação divina. Várias são as semelhanças existentes entre Rute e a mulher negra: são estrangeiras, pobres, vivem em lugar de grande vulnerabilidade, estão sozinhas, desejam a liberdade do seu povo, tem o seu corpo desrespeitado, saíram de sua pátria deixando família, povo, cultura e religião, foram marginalizadas, lutam pela sobrevivência, são resistência ao patriarcado, tem uma economia de rebusque, cuidam da própria família a partir daquilo que conseguem com seu trabalho, renunciaram suas crenças e assumiram o compromisso com o Deus de Israel.

Com esse olhar sobre o livro de Rute, a esperança se apresenta às mulheres negras, mesmo quando tudo parece ir contra esse corpo negro. A hermenêutica precisa ser feita sobre a escritura sagrada de modo a desmistificar muitas ações impostas por estruturas patriarcais e racistas sobre as mulheres.

Considerações finais

Buscamos uma proposta de compreensão mais efetiva das aflições e inquietações que atravessam a vida da mulher negra cristã. Não houve aqui a pretensão de esgotar em absoluto as questões e dar respostas definitivas a todas as questões levantadas ou tocadas por esta pesquisa. São muitos os questionamentos que abrangem questões sociais, políticas e estruturas religiosas.

⁵⁵ Vemos aqui que o redator do livro de Rute, o qual, utiliza o gênero literário da saga em forma de novela, “deu-lhe um profundo sentido religioso, vinculando-a à fé na providência misericordiosa de Javé, que é aquela que dirige o destino de todos” (SELLIN e FOHRER, 2007, p. 344)

⁵⁶ Lasor et al., 2009, p. 572

⁵⁷ Lasor et al., 2009, p. 573

⁵⁸ Rute 2,12, Bíblia de Jerusalém, 1985

Entendemos que o tema é complexo e que, por essa razão, envolve várias outras camadas daquilo que se entende por construção da identidade da mulher negra que, por sua vez, se encontra dentro de uma estrutura patriarcal, segregacionista e racista. Durante as entrevistas realizadas para este trabalho, foi percebida uma inquietação de mulheres que estão inseridas nesse escopo. Existe a vontade e a busca por uma hermenêutica bíblica que inclua a mulher negra.

Na fala dessas mulheres entrevistadas e nos textos lidos pode-se observar o quão distante estamos de abranger ou minimizar as dores e injustiças demonstradas nos relatos aqui presentes. É preciso ressaltar que estamos tratando de um segmento que não deriva apenas de um recorte de gênero, ou seja, não haveria razão de ser deste trabalho caso estivéssemos falamos apenas de mulheres cristãs. É preciso realçar a questão racial neste meio: nem mesmo quando pensado o recorte de gênero, é possível ver a contemplação da mulher negra, que segue marginalizada.

Essa questão se faz latente ao longo da análise da própria designação negra ou negro dentro do contexto brasileiro, ao ponto que remetemos a categorias de raça e, portanto, a relações de poder, de dominação. Relações de domínio essas que, evidentemente, geram conflitos que, por sua vez, sob a perspectiva da mulher negra, mostram-se violentos em ao menos duas frentes: gênero e raça.

Essas desigualdades, evidenciadas nas relações sociais, culturais econômicas e políticas, geram atritos à medida que ocorrem hierarquizações nas quais existe o predomínio de uma espécie de diferenciação. Reflexos dessa hierarquização são os enfrentamentos e as batalhas travadas pela população negra em busca de equiparação e reparação.

Ao observar um país como o Brasil, com tantas possibilidades de identidades e de refutação dessas mesmas identidades, encontramos-nos num cenário repleto de narrativas de conflito, de oposição e de demarcação de territórios – geograficamente e intelectualmente falando. Somente a partir da compreensão do processo de colonização do nosso país é que podemos entender toda revolta à essa suposta narrativa de socialização e civilização.

São diversas as vertentes que abrangem a estrutura que compõem o Brasil. São também diversas as etnias que buscam autonomia e reconhecimento perante segmentos dominantes. Com os processos de invisibilização e descaracterização da população negra, nessa espécie de adequação forçada a parâmetros de classes dominantes, o que se atinge, pelo contrário, é um grau significativo insatisfação dentro da sociedade como um todo e que, inevitavelmente, atinge também as igrejas.

É importante dizer e ressaltar que os resultados obtidos nas entrevistas contemplam aquilo que algumas mulheres negras sentiram quando inseridas dentro de um contexto cristão. Esses depoimentos, sob uma ótica qualitativa, trouxeram informações que podem contribuir para futuros desdobramentos de pesquisas dentro do campo da Teologia. O universo da problemática apresentado neste trabalho pode servir de propostas e possibilidades para discursões que visem a reflexão e a proposição de novos temas que contemplem a mulher negra cristã.

Por fim, essa releitura do livro de Rute pode ser insumo para trazer à mulher negra um norte, um sentido de também ser parte efetiva da criação divina. Traz, portanto, a esperança de ser também digna e alvo do amor de Deus. Isso não implica na eliminação de todo o sofrimento causado pelo racismo.

São, na verdade, questionamentos que ajudam a discutir e tecer reinícios, nos quais é possível buscar ou refazer caminhos onde as relações não sejam assimétricas, mas que as questões individuais e coletivas sejam capazes de reelaborar novas estruturas de relações mais justas. Desse modo,

rompendo e interrompendo com injustiças e com hierarquias instituídas, produzidas e cuja manutenção são desempenhadas pelo patriarcado e pelo racismo.

Referências

BALANDIER, Georges. *O poder em cena*. Tradução de Luiz Tupy Caldas de Moura. Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 1980.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. 2. Impr. Coordenação de Gilberto da G. Gorgulho; Ivo Storniolo; Ana Flora Anderson, São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida 2ª Ed. Revista e Atualizada no Brasil. São Paulo: Vida Nova; Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.

BOURDIEU, P. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Peões, pretos e congos*: Trabalho e identidade étnica em Goiás. Goiânia: Editora Universidade de Brasília, 1977.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Introdução: a noção de fricção interétnica. In: *O índio e o mundo dos brancos*. Campinas: Editora da Unicamp, ed. 4. 1996, p. 33-52.

CONE, H. James. *O Deus dos oprimidos*. São Paulo: Paulina, 1985.

CONE, H. James; WILMORE, S. Gayraud. *Teologia negra*. São Paulo: Paulina, 1986.

DAVIS, Ângela. *Mulheres, Raça e Classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

ELIAS, Norbert. *Introdução à sociologia*. Tradução de Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Estratégia saber e poder*. Coleção: Ditos & Escritos v. VI. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta. Tradução de Vera Lúcia Avelar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

GEERTZ, Clifford: *A interpretação das culturas*. Tradução de The interpretation of cultures. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HOOKS, Bell. *O feminismo é para todo mundo*. Rio de Janeiro: Rosa dos ventos, 2018.

_____. *Teoria Feminista: da margem ao centro*. São Paulo: Perspectiva, 2019

LASOR, William S.; HUBBARD, David A.; BUSH, Frederic W. *Introdução ao antigo testamento*. Tradução de Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 2009.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

NASCIMENTO, Abdias. *O Genocídio do Negro Brasileiro*. São Paulo: Perspectiva, 2016

NEVES, Amélia Tavares C. (ORG.). *Identidade negra e religião*. São Bernardo do Campo: Edições Liberdade, 1986.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do Feminismo Negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018a.

RIBEIRO, Hamilton M. *Um diálogo intercultural a partir de Apocalipse 7,9-17: imaginários e relações de lutas e resistência no período bíblico e na história dos Kalunga no Nordeste de Goiás*. Dissertação (mestrado). Pontifícia Universidade Católica de Goiás: Goiânia, 2018b.

RICHTER REIMER, Ivoni. Mudança de paradigmas e gênero: busca de construção de relações mais justas e gostosas. In: SILVA, Valmor da (org.) *Ensino Religioso: educação centrada na vida*. Subsídio para a formação de professores. São Paulo: Paulus, 2004, p. 35-48.

SELLIN, Ernst; FOHRER, George. *Introdução ao Antigo Testamento*. Tradução de Mateus Rocha. São Paulo: Academia Cristã, 2007.